

LUSITÂNIA ROMANA –
ENTRE O MITO E A REALIDADE

Centro Cultural de Cascais
Museu Nacional de Arqueologia
Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas
4 a 6 de Novembro de 2004

FICHA TÉCNICA

Título

LUSITÂNIA ROMANA – ENTRE O MITO E A REALIDADE
Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana

Imagem da Capa

Autor: Alexandre de Laborde (o desenho). Gravou Tilliard.
Obra: *Voyage pittoresque et historique de l'Espagne*, Paris, 1807-1818
(IV Volumes). A data certa do desenho recairá nos primeiros anos do
século XIX, quando De Laborde esteve em Madrid, ao serviço de Napoleão.
O título da gravura (em três línguas: Castelhana, Francês e Inglês):
Vue de la Naumachia et de l'Ancien Théâtre à MÉRIDA.

Edição

Câmara Municipal de Cascais

Coordenação

Jean-Gérard Gorges
José d'Encarnação
Trinidad Nogales Basarrate
António Carvalho

Local e data

Cascais, 2009

Impressão

Facsimile, Lda.

Tiragem

1050 ex.

ISBN

978-972-637-207-3

Depósito Legal

298801/09

AS TERMAS DOS CÁSSIOS EM LISBOA – FICÇÃO OU REALIDADE?

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
Universidade de Coimbra

Resumo:

Causara estranheza o facto de a inscrição CIL II 191 ter sido indicada como originariamente “pintada numa telha”, dada a grande importância do seu conteúdo, pois circunstanciadamente referia quando e por quem haviam sido reconstruídas as chamadas “termas dos Cássios” de Lisboa.

Essa expressão chegou a ser interpretada como indicativa de que se estava perante a minuta da epígrafe, que se imaginava monumental. Uma análise dos testemunhos em que Emílio Hübner se baseara e nos manuscritos anteriores possibilitou a aparente ‘redenção’ do texto: ele constara, de facto, pintado, mas na parede interior de um dos compartimentos das termas, acompanhado de outros elementos decorativos do maior interesse para se ajuizar da riqueza monumental do conjunto.

A epígrafe não é, pois, uma invenção: foi uma realidade bem palpável.

Palavras-chave:

Termas, Lusitânia, Mito, Cássios, Numério Albano, Epigrafia.

Abstract:

It was odd that the inscription CIL II 191 was indicated as having been “painted on a tile”, given the great importance of its text, since it referred to when and who reconstructed the so-called “Cassii’s thermal baths” in Lisbon.

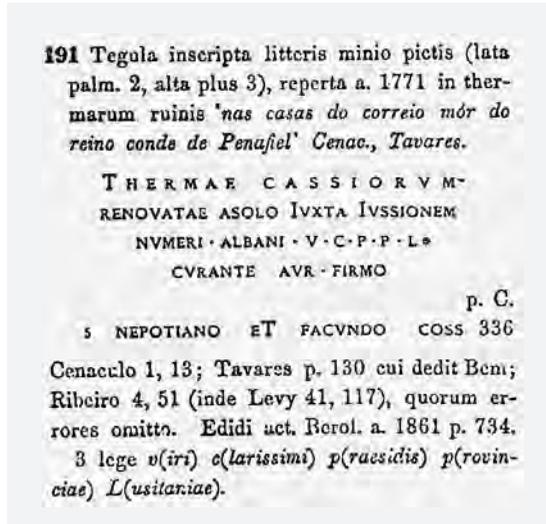
This expression was interpreted as indicating that the inscription was a minute of a larger epigraphic record, surely of monumental dimensions. An analysis of the documents on which Emil Hübner based his conclusions and of the previous manuscripts made possible an apparent “redemption” of the text: it was, indeed, painted, but on the interior wall of one of the compartments of the thermal baths, accompanied by other decorative elements of greatest interest in order to ascertain the monumental riches of the all building.

Therefore, this epigraphic record is not an invention: it was a very concrete reality.

Keywords:

Thermal baths, Lusitania, Myth, *Cassii*, *Numerius Albanus*, Epigraphy.

Sob o n.º 191 do seu CIL II¹, deu conta Emílio Hübner de uma inscrição encontrada em Lisboa, no ano de 1771, nas ruínas dumas termas, *nas casas do correio-mor do Reino, conde de Penafiel*:



Grav. 1

Dado o seu teor, o monumento tem sido largamente referido:

THERMAE CASSIORVM
 RENOVATAE A SOLO IVXTA IVSSIONEM
 NVMERI · ALBANI · V · C · P · P · L
 CVRANTE AVR · FIRMO
 NEPOTIANO ET FACVNDI COSS

Não oferecia, por outro lado, qualquer espécie de dúvida de leitura nem de interpretação, pelo que passou a ser transcrito habitualmente sem objecções:

THERMAE CASSIORVM / RENOVATAE A SOLO IVXTA IVSSIONEM /
 NVMERI(i) · ALBANI · V(iri) · C(larissimi) · P(raesidis) · P(rovinciae) · L(usitaniae)
 / CVRANTE AVR(elio) · FIRMO / NEPOTIANO ET FACVNDI
 CO(n)S(ulibu)S

¹ CIL II = Emílio HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Berlim, 1869 e 1892.

Em português, a tradução é a seguinte:

«Termas dos Cássios. Reconstruídas desde os alicerces, a mandado de Numério Albano, varão muito ilustre, governador da província da Lusitânia, sendo encarregado Aurélio Firmo, no ano em que foram cônsules Nepociano e Facundo».

Tudo muito claro, portanto:

1 – Estava-se perante um edifício termal, cuja construção original se ficara a dever à família dos Cássios, de que a epigrafia olisiponense guardava outros testemunhos.²

2 – Por outro lado, informava-se que o estado de degradação do edifício era tal que só uma reconstrução total seria viável: *renovatae a solo*.

3 – O próprio governador da Lusitânia se empenhara a fundo na questão, certamente a pedido dos Olisiponenses, que há muito se veriam privados de um edifício público que muito lhes agradaria; daí que tivesse emitido ordem (*iussio*) nesse sentido.

4 – Trabalho de certa envergadura necessitaria de um responsável, perito; e também isso ficou acautelado, sendo Aurélio Firmo nomeado para o efeito.

5 – Orgulho haveria igualmente na obra consumada e conviria registar-se para a eternidade o ano em que tal iniciativa se dera por concluída: os cônsules referidos são Flávio Popílio Nepociano e Facundo, do ano 336 da nossa era.

Quando estava a preparar um estudo sobre os Lusitanos, indagou-me o Prof. Jorge Alarcão da possibilidade de se obter fotografia de um documento epigráfico existente no Museu de Cáceres.³ Rapidamente tivemos acesso a ela, através da gentileza de Enrique Cerrillo e, no momento em que nos debruçávamos sobre o seu conteúdo e sobre a forma estranha como o texto se encontrava gravado, em dois fragmentos de uma telha, surgiu-nos a hipótese de estarmos perante não o texto definitivo, a ser apresentado publicamente, mas a minuta que, gravada ali, serviria de modelo para o *ordinator*, que a passaria, eventualmente, para uma placa de bronze.⁴

A palavra «telha» recordou-me, de imediato, a expressão usada por Hübner em relação à inscrição de Lisboa: *tegula inscripta litteris minio pictis*: «uma telha inscrita com letras pintadas a zarcão». Não estaríamos, também aqui, em presença de uma minuta? Na verdade, para umas termas, inscrição com tantos e tão importantes elementos informativos não poderia deixar de ser monumental, a ser colocada na fachada do edifício, o que não se compadeceria com... *tegula inscripta litteris minio pictis!*...

² No *Atlas Antroponímico*, s. v. «Cassius», mapa 80 (p. 135), referem-se treze testemunhos na cidade e no seu termo (GRUPO MÉRIDA, *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida-Bordéus, 2003).

³ Tratava-se da inscrição de Alconétar, que fora referida, entre outros, por A. Tovar (*Iberische Landeskunde 2. Lusitanien*, Baden-Baden, 1976, pp. 239-240).

⁴ Jorge de Alarcão teceu considerações sobre esse texto em «Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, n.º 2, 2001, pp. 305-306.

Pouco depois, tive ensejo de me debruçar sobre um dos vários *corpora* publicados por Josep Corell e preparar sobre ele uma recensão crítica.⁵ E deparei com um grafito “que a documentação apresenta como tendo sido encontrado «sobre unes tègules», hoje desaparecidas (n.º 43)”. E transcrevo o que então se me ofereceu dizer:

«Hübner procurou, sem êxito, atribuir ao texto um significado coerente: *Quid significetur, obscurum*, confessou. Leram-se os nomes de duas personagens, talvez *Dido* e *Seianus*, sendo reconhecível sem dúvida, ao que parece, o vocábulo *patres* no final. O A de *patres* seria cursivo. Nessas circunstâncias, sugere J. Corell que «podria tractar-se d'un epitafi fragmentari, en el què faltaria el nome del destinatari», acrescentando, com base noutros testemunhos, que «el plural *Seiani patres* podria referir-se als que feien les funcions de pares del difunt, és a dir, als protectors».

Após referir não ser «invulgar encontrarmos crianças de tenra idade sepultadas sob telhas», pois que, na *villa* romana de Freiria (Cascais), por exemplo, identificámos um significativo conjunto delas, que datamos, no entanto, de uma época tardia – séculos III ou IV da nossa era – porque se localizam dentro de um lagar de azeite, o que significa que o espaço só poderá ter servido como necrópole após ter entrado em desuso», acrescentei:

«Há, todavia, um pomenor a ter em conta: não são *tegulae* as coberturas, mas sim grandes *imbrices*. É certo que, em necrópoles imponentes como a da Isola Sacra, junto a Óstia, há sepulturas cobertas de *tegulae* como se de casas se tratasse; não vemos, porém, que aí se possa ter feito a inscrição funerária e – ainda por cima – em grafito».

O que atrás fica dito sobre o texto de Cáceres e estoutro da zona de Valência enca-minharam-me, de imediato, para a seguinte hipótese: não estaremos, aqui, perante a minuta do texto a gravar, de seguida, no mármore ou no suporte pétreo definitivo?

«Por conseguinte – concluía, então, o meu raciocínio –, o texto em causa (n.º 43) pode não ser funerário; também não é admissível, sem mais, a sua inclusão no domínio dos *instrumenta domestica*, pois teria uma função efémera e depois se deitaria fora. Não é, na verdade, sintomático, que o achador, P. Ibarra, refira que são grafitos sobre «tègules», no plural?».

⁵ Trata-se da obra *Inscripcions Romanes d'Ilici, Lucentum, Allon, Dianium i els seus territoris* (NAU llibres, València, 1999), e o artigo em que a referi é «A epigrafia romana do País Valenciano», in *Studia Philologica Valentina*, 5, 2001, pp. 43-51.

E trouxe à colação a inscrição jurídica em estudo por Jorge de Alarcão, que se apresentava exactamente em grafitos sobre pedaços de *tegula* e a inscrição das termas dos Cássios.

A hipótese afigurou-se-me deveras aliciante e, por isso, não hesitei em a dar a conhecer em Bertinoro, em 2000, inclusive para daí poder colher outros exemplos doutros quadrantes do Império:

«O lapicida, ou melhor o *ordinator* serviu-se de um pedaço de cerâmica lisa para aí pintar o texto que o seu operário deveria paginar e gravar depois, num grande lintel, a figurar na fachada das termas, com toda a pompa e circunstância...».

E acrescentei:

«Hübner e as suas fontes não repararam no insólito; ninguém tomou consciência da forma como as letras estavam gravadas – certamente bem legíveis e em capitais – e o texto foi amiúde comentado, sem que se tenha apercebido da sua extrema importância do ponto de vista da história da Epigrafia».⁶

Chegado, porém, a este ponto, a dúvida começou a instalar-se no meu espírito: seria mesmo... uma «telha»? E porque é que, na tradução do primeiro relatório feito por Hübner à Academia,⁷ Soromenho escrevera: «uma inscrição achada no anno de 1772 em um dos compartimentos, escripta em letras vermelhas sobre reboco»?...

Comecei, pois, a pesquisar as fontes de que Hübner se servira e que vinham indicadas na ficha da inscrição como vimos acima.⁸ Frei Manuel do Cenáculo apre-

⁶ ENCARNAÇÃO (José d'), «Des nouveaux textes, les directions nouvelles de la recherche épigraphique en Lusitanie romaine», in *Varia Epigraphica* (Acti del Colloquio Internazionale di Epigrafia, Bertinoro, 2000), Faenza, 2001, pp. 237-248.

⁷ HÜBNER (Emílio), *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871, p. 12.

⁸ CENÁCULO I, 13: Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814), que apresenta sugestivo desenho do conjunto, que reproduzo [Grav. 2] (cumpre-me agradecer ao Doutor Carlos Fabião e ao Dr. José Cardim Ribeiro a gentileza de mo haverem dado a conhecer e facultado).

BEM (1718-1797): D. Thomaz Caetano de Bem, *Noticia das Thermas ou Banhos Cassianos e Outros Monumentos Romanos Modestamente Descobertos na Cidade de Lisboa*, s. d. [Grav. 3].

TAVARES: Doutor Francisco Tavares (ca. 1750-1812), *Instruções e Cautelas Practicas sobre a Natureza, Diferentes Especies, Virtudes em Geral e Uso Legitimo das Aguas Mineraes de Portugal...*, Coimbra, Real Impr. da Universidade, 1810, p. 127. Reproduzem-se, em anexo, as páginas desta obra onde se descreve o edifício, para nos apercebermos da minúcia com que tudo vem descrito. Devo ao Dr. A. E. Maia do Amaral a gentileza de me ter proporcionado essa valiosa documentação.

RIBEIRO: *Dissertações Chronologicas e Críticas sobre a Historia e Jurisprudencia Ecclesiastica e Civil de Portugal* publicadas por ordem da Academia R. das Sciencias de Lisboa pelo seu sócio João Pedro Ribeiro. Tomo IV. Parte I. Lisboa. 1819.

De João Pedro Ribeiro retirou Levy Maria Jordão o texto que apresentou, sob o n.º 117, na p. 41 do seu livro *Portugalliae Inscriptioes Romanae*, Lisboa, 1859.

sentava circunstanciado desenho em que a inscrição se vê perfeitamente.⁹ E dos autores subsequentes, nenhum punha em dúvida o texto. Antes: enquadravam-no claramente num compartimento de paredes pintadas, onde figuravam, por exemplo, a loba capitolina amamentando os gémeos, o Sol, esfinges e, sobre um nicho, um «*tijolo* de cor vermelha» com a inscrição. Assim, Caetano de Bem explicita [actualizo a grafia]:

«Acima deste pequeno nicho, que temos dito, e quase em distância de cinco palmos, porém em a mesma parede do nicho, se via um *matton* [sic], ou *tijolo* de cor vermelha, da largura de dois palmos, e mais de três de comprimento, em que se lia a seguinte inscrição [...]».

Francisco Tavares dá a descrição bem completa – remete-se esse texto para anexo, como disse – de todo o conjunto, ainda que, do suporte da inscrição, prefira fixar apenas «um *tijolo* de cor vermelha», deixando a palavra em itálico, como que para dizer que se não tratava de um tijolo propriamente dito, mas (diríamos nós hoje) de um painel, como, aliás, as gravuras bem documentam.

Concluindo, não havia dúvidas: o compartimento tinha as paredes pintadas e, entre os motivos, um painel com a inscrição, em lugar de destaque! Não é, pois, uma placa – como se poderia supor – mas uma inscrição pintada, no interior. Não é, pois, uma **minuta** e fica também justificada a referência de João Pedro Ribeiro, no capítulo sobre os instrumentos de escrita, onde, depois de indicar que «o pincel era o mais oportuno para as telas de linho e para os caracteres em ouro e ainda em cinábrio», usado pelos Chineses «como mais próprio para a tinta de que mais se servem, chamada Nankin [sic] ou tinta da China», observa:

«Com o mesmo instrumento foi talvez escrita uma inscrição em letras vermelhas, sobre reboque, em uns banhos públicos dos Romanos, que se descobriram depois do terramoto de Lisboa, nas casas que edificou o Correio-mor, que por haver a incúria de se demolir, aqui a conservarei, segundo a leu pessoa bem instruída» (cf. Grav. 4).

E é curioso verificar que o texto, remetido para nota, apenas serve para documentar o uso do pincel **sobre reboque**. Uma prova mais a favor da autenticidade da inscrição e a informação, claríssima, de que se tratava de uma inscrição pintada.

⁹ Recorde-se que o mesmo se poderá encontrar em FIGUEIREDO (Borges de), «As *thermas* dos Cassios, em Lisboa», *Revista Archeologica e Historica*, 3, 1889, pp. 149-154, est. XII, que informa ter sido aquele 'rude esboço' retirado de um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa intitulado *Collecção de varias inscripções romanas* (a que também tive acesso). Agradeço à Dra. Seomara da Veiga Ferreira as diligências que gentilmente fez para me obter esta documentação.

Essa a outra dúvida que restava: porque não fora tão imponente e minuciosa inscrição gravada em esbelta placa marmórea na fachada do edifício?

É que se estava já no século III. Os imperadores eram cada vez mais ciosos do seu poder – mormente porque sabiam quanto ele podia ser efêmero... – e não permitiam, portanto, que ‘outros’ aparecessem, sem que o seu nome também aí estivesse gravado. Ora, na verdade, a identificação do imperador (neste caso, seria Constantino) não estava contemplada na inscrição; por isso, em vez de figurar bem evidente no edifício, fora relegada para um lugar digno, frequentado, mas de certo modo discreto,¹⁰ com apenas dois palmos de alto e três de largo!...

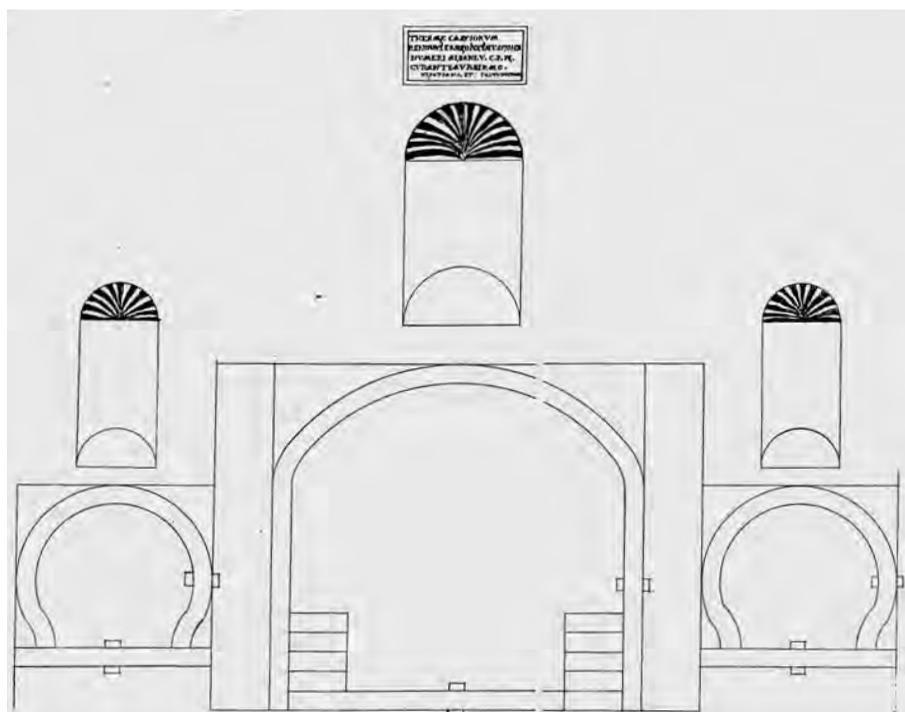
Tudo isso vinha, aliás, claramente expresso na legislação em vigor: determinava o *Digesto* (L, 10, 3) que, na epígrafe de um edifício público que não fosse circo, teatro ou anfiteatro, só poderiam constar o nome do imperador e a identificação de quem o financiara: *Inscribi autem nomen operi publico alterius quam principis aut eius cuius pecunia id opus factum sit non licet*.¹¹

Podemos, por conseguinte, garantir que a inscrição – apesar do seu aparente caráter inusitado – não foi um mito, mera fantasia ou ficção: existiu na realidade. E também existiram as termas que a incúria dos homens – para usarmos a feliz expressão de João Pedro Ribeiro – deixou destruir para, sobre as suas ruínas, outro palácio erguer.¹²

¹⁰ Agradeço ao Doutor Marc Mayer esta observação.

¹¹ Citado em José Carlos SAQUETE CHAMIZO, *Las Elites Sociales de Augusta Emerita*, Mérida, 1997, p. 112.

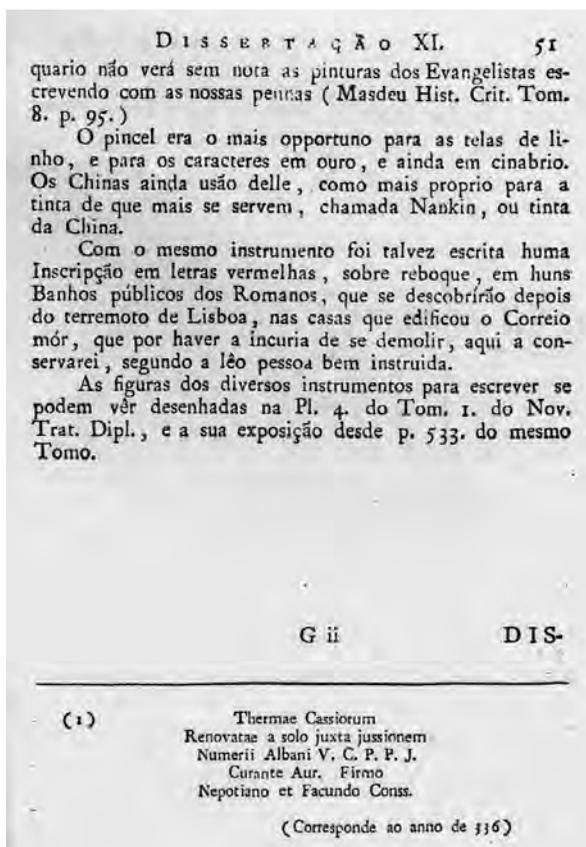
¹² De umas – as termas – e de outro – o palácio – deram conta, na sequência desta comunicação, os Drs. Laura Trindade e A. M. Dias Diogo. Dificuldades de ordem vária, nomeadamente a complexidade dos vestígios arqueológicos encontrados e a necessidade de prosseguirem intensamente os trabalhos para a sua melhor identificação, impediram-nos, porém, de acrescentar aqui o seu testemunho, como estava previsto. Recorde-se, porém, que, em reaproveitamento nessas paredes, por exemplo, diversas inscrições romanas têm sido encontradas (e publicadas) – cf. *Ficheiro Epigráfico* n.º 275 (o célebre pedestal a *Lucius Cornelius Bocchus*), 279, 282, 283 e 288.



Grav. 2 – Desenho de Frei Manuel do Cenáculo

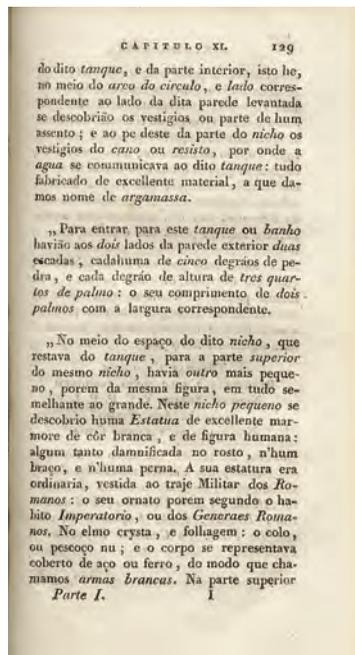
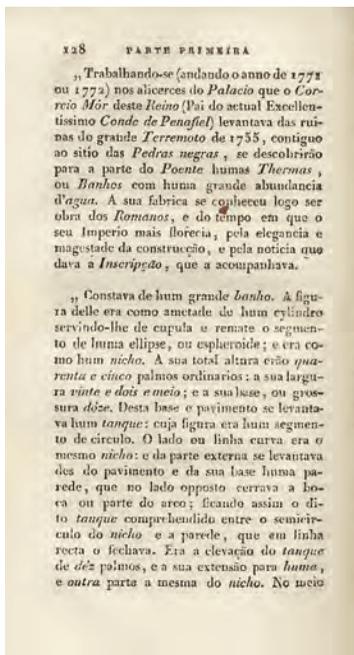
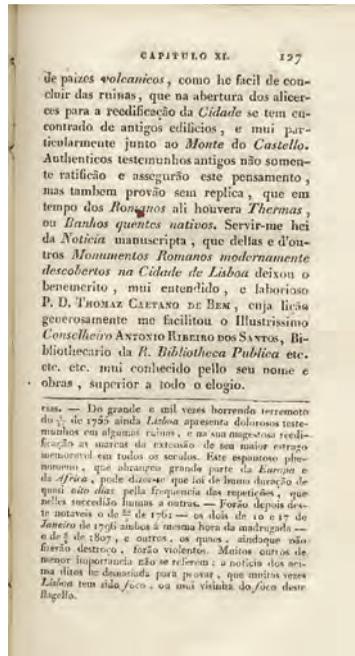
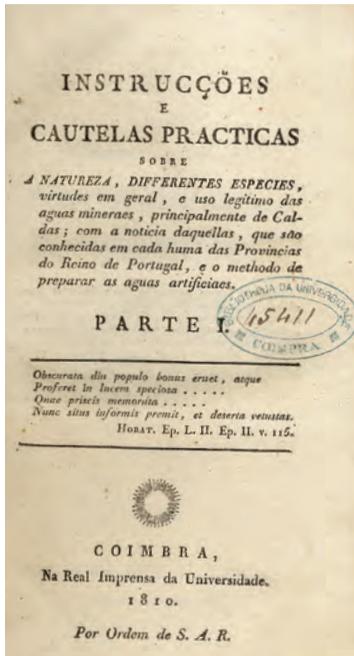


Grav. 3 – Frontespício da obra de Caetano de Bem



Grav. 4 – Página do livro de J. Pedro Ribeiro

ANEXO



destas sobre o peito a figura do *Sol*; e logo mais abaixo sobre o ventre a figura de duas *Esfinges*, ou serpentes com rosto humano e azas. O braço do coterello em diante n.º: da mão esquerda pendente hum escudo tambem de marmore, aonde se via esculpida a figura de huma loba dando de mamar a dois meninos, isto he, a *ROMULO* e *REMO* tambem nus. O pé calçado ao modo *Romano*, isto he, somente com a caliga, e o mais da perna até o joelho n.º.

» Acima deste pequeno nicho sobredito, quasi em distancia de cinco palmos, e na mesma parede delle via-se hum *tijolo* de cor vermelha da largura de dois palmos, e mais de tres de comprimento, em que se lia a seguinte *Inscripção*.

THERMAR CASSIORUM
RENOVATAE A SOLO JEXTA JESSIONEM
NUMERII ALBANI V. C. P. P. L.
CURANTE AER. FIRMO
NEPOTIANO ET FACUNDO CONSS.

Que em Portuguez diz assim: *Thermas* (ou *Banhos*) dos *Cassios* renovadas des do fundamento, segundo a ordem de *Numerio Albano*, *Varão Consular*, *Pai da Patria*, *Illustre*, sendo *Inspector da obra Aurelio Firmo*, e *Consules Nepociano e Facundo*.

» Terminava-se o dito nicho em hum se-

gumento de circulo, ou quasi meia esfera concava formada de tijolos, que representavão huns veiros, isto he, a parte concava de huma concha, e toda esta obra fechava o arco do mesmo nicho; todo elle tambem fabricado do mesmo material.

» Os *tijolos* erão de diferentes grandezas, e cores; huns vermellos, outros quasi pretos, outros mais ou menos brancos. Huns de comprimento de *tres palmos*, e *dois de largo*, outros de *palmos e meio* em quadro, e outros de *dois terços e meio* de palmo em quadrado.

» A situação do nicho era a seguinte. A boca olhava para o *Meiodia*, como tambem o lado exterior recto do *tanque*, que estava no pavimento. O corpo, e o arco e suas colunas olhavão para o *Nascente e Poente*.

» A estes lados de *Nascente e Poente*, e contiguos ao *nicho grande* havião mais outros *dois pequenos* da mesma forma e figura daquelle, só com a differença de serem seus corpos fabricados de pedra hum pouco grossieira, ou aspera; seus *tanques* abertos em pedra somente, sem vestigio de assento, nem de terem escada, por serem muito baixos e pequenos. Na parte superior destes via-se tambem outro *nicho* mais pequeno, e proporcionado ao corpo daquelle, a que servia de ornato: porem dentro nelles

I 2

não se achou *Figura*, ou *Estatua* alguma como no primeiro. Os *tanques* destes *dois nichos pequenos* recibião a mesma *agua*, que o *tanque* do outro *nicho grande* por hum semelhante *resisto*; porque o cano, ou *aqueducto*, que corria pela parte posterior delles igualmente fornecia de *agua* a todos.

» O *aqueducto* para despejo e evacuação da *agua* destes *tres tanques*, se o houve, não se descobrio, mas somente para a parte *Oriental* em distancia de *trinta* pés, pouco mais ou menos, havia hum *grande reservatorio de agua*, ou *cisterna*; que ao presente se acha debaixo de huma escada interior do dito *Palacio*. Nesta *cisterna* achou-se *agua*, e mandando-se limpar, descobrio-se hum *aqueducto* que corria para a parte dos *tres tanques e nichos* acima ditos: como porem elle se hia estreitando successivamente a modo de funil, e não podia desmanchar-se como era necessario para total averiguação, não se pôde haver delle mais completo conhecimento.

» Descobrio-se porem o *aqueducto e agua*, que servia os ditos *tres tanques*, e conheceu-se que este *aqueducto*, ou cano e *agua* corria da parte do *Norte*, e se presume vir do *Monte*, sobre que está fundada a *Cidadel-la*, ou *Castello de Lisboa*. A *agua* era *tepidá*, e della não se fez algum outro exame. (*)

(*) Em razão da proximidade dos sitios he fácil de

» Estas *Thermas*, ou *Banhos*, e toda a mais fabrica dividia-se, e estava separada do publico por meio de huma parede de obra ordinaria, mas antiga, a qual se demolio. O pe da dita parede era paralleló á extremidade superior, ou borda do *tanque* do *nicho grande*: donde se conhece, que este *tanque* ficava inferior á superficie da terra e via publica, assim como tambem os *dois pequenos* dos lados por serem de altura ainda menor, que o primeiro. A serventia para estes *Banhos* ou *Thermas* era por huma pequena abertura, e porta de concheira, que se achou no meio desta mesma parede. Porem não se pôde averiguar a que altura se elevava a dita parede, ou se tapava, e eucobria todo o *nicho* e fabrica, porque esta havia ja padecido em outro tempo, como claramente se estava vendo, mudança e ruina.

(Entrando o *Padre D. THOMAZ CAETANO DE BEM* na indagação de quem serião os *Cassios*, de que reza a *Inscripção*, discorrendo com a sua costumada erudição vem a concluir, que serião *CAIO, LUCIO e QUINTO Cassios*, tres Irmãos, que no tempo da guerra civil de *Roma* seguirão as partes de *POMPEO*, o que vem a dar, segun-

presumir, que esta *agua* era da mesma natureza e propriedades, e talvez da mesma temperatura da das *Atcaezarias* acima dita.

do o seu juízo, pellos annos da Fundação de Roma 704 ou 705, e 49 ou 50 annos antes da vinda de Christo. Pareceu-nos justo conservar esta *Memoria*, da qual somente deixamos de transcrever a parte *Historica*, e *Chronologica* aindaque não muito diffusas; e ficando aos Criticos a ulterior averiguação sobre este ponto, passamos a transcrever o resto que convem ao nosso assumpto.)

» As sobreditas *Thermas*, ou *Banhos*, parece, comprehendio hum grande espaço: por quanto correndo deste lugar quasi trezentos passos para a parte do *Meiodia* na *Rua Bella da Rainha*, vulgarmente chamada da *Prata*, e defronte da Parochial Igreja de S. *Maria Magdalena*, trabalhando-se para abrir alicerces de algumas cazas de pessoas particulares (foi no anno de 1773 quando se tratava de continuar a reedificação da *Cidade* arruinada pello *Terremoto*) se descobririo outros muitos nichos, ou tanques de semelhante fabrica e construção; e junto a estes a seguinte *Inscricção*.

SACRUM
AESCVLAPIO
M. AFRANIUS EUBOROENSIS
ET
L. FABIVS DAPHNVS
A. V. G.
MUNICIPIO. D. E.

Diz: *Sacrum Aesculapio. Marcus Afranius*

Euboroensis Et Lucius Fabius Daphnus Augustali Municipio Dicant Lapidem. Em *Portuguez*: Memoria consagrada a Esculapio, Marco Afranio Euboroense, e Lucio Fabio Daphno no Augusto Municipio Dedicario este padrao.

» A renovação desta Fabrica (*) entendemos ser feita no anno de Christo 335 ou 336, e da Fundação de Roma 1088 ou 1089; *trigesimo* do Imperador CONSTANTINO, porque neste tal anno erio Consules em Roma FLAVIO NEPOCIANO e POPILIO FACUNDO, sobre o que se pode ver (entre outros) o M. FLORES na sua *Hespanha Sagrada* tom. IV. pag. 516 e 525.

» Em pouca distancia destes *Banhos* estava hum Templo de ESCULAPIO, como se vê da memoria que refere MARINHO no Livr. 3. cap. 7, e he a seguinte.

AESCVLAPIO SACRVM.
CVLTORIBVS LARVM
MARIO ET MANTIO AQVILIO COSS. IT.
JVLIVS MACRINVS
D.

Diz em *Portuguez*: *Memoria consagrada a Esculapio pellos Feneradores dos Deoses Lares, sendo Consules segunda vez Mario e Manlio Aquilio. Julio Macrino a deo.*

(*) He a de que falla a primeira *Inscricção* a p. 159.

Corresponde ao anno da Fundação de Roma 653 cem annos antes do nascimento de Christo.

» Emuito proxima a este Templo estava a *Praca* chamada dos *Canos*, de que talvez se tiraria o nome, que se deu á Freguezia de S. *João da Praga*.

(De outros monumentos achados no mesmo sitio das *Pedras negras* quando no anno de 1749 se edificavão as cazas de JOÃO DE ALMADA, que tem face para o *Largo da Magdalena* faz menção o sobredito P. D. THOMAZ na *Carta acerca dos Monumentos Romanos descubertos no sitio das Pedras negras*, que corre impressa datada de 29 de Outubro de 1754, os quaes ainda existem na parede das ditas cazas, que fica do *Nascente*.)

MAIORGA.

Hum *quarto de legoa* ao N. O. da Villa da *Maiorga*, *Coutos* e *Comarca* da Villa de *Alcobaça*, donde dista *hum legoa*, na raiz de hum monte que he continuação da *Quinta da Vestiaria*, e corre de N. a S. fronteiro á *Quinta da Piedade* ambas do Mosteiro Real d'Alcobaça, nascem quatro olhos de *agua thormal* com pouca distancia entre si, na quantidade de *hum telha*.

A formação do monte he pella maior parte de *argilla*, *cré*, e da *pedra* que vul-